

ISABEL
ALLENDE

LONGA
PÉTALA
DE MAR

Tradução de
José Pedro Leite

*Para o meu irmão Juan Allende,
para Víctor Pey Casado
e para outros navegantes da esperança*

*... Estrangeiros,
esta é a minha pátria.
Ei-la! Aqui nasci, e aqui habitam meus sonhos.*

Pablo Neruda
«Regresso»
Navegações e Regressos

Primeira parte

Guerra e exílio

I

1938

*Preparem-se, companheiros,
para matar novamente e morrer de novo
e cobrir com flores o sangue.*

Pablo Neruda

«Sangrenta foi inteira a terra dos homens»

O Mar e os Sinos

O jovem soldado pertencia à Companhia do Biberão, a leva de miúdos recrutados quando já não havia homens jovens ou velhos aptos para a guerra. Víctor Dalmau recebeu-o com outros feridos que retiravam à pressa e sem grande cuidado do vagão de carga, porque para tal não havia tempo, e que em seguida empilhavam como lenha, no chão de pedra e cimento da Estação do Norte, enquanto esperavam outro transporte que os levasse aos centros hospitalares militares do leste. Estava inerte, com a expressão beatífica de quem vira de perto a morte e já nada temia. Ninguém poderia dizer quantos dias passara, sacudido de uma maca para outra, de um acampamento de campanha para outro, de uma ambulância para outra, até que chegara à Catalunha naquele comboio. Na estação, vários médicos, enfermeiros e auxiliares recebiam os soldados, enviavam os feridos que inspiravam mais cuidados

para o hospital e, seguidamente, classificavam os restantes de acordo com a localização dos ferimentos que apresentavam, assim: «Grupo A: braços; B: pernas; C: cabeça», e por aí adiante, pelo alfabeto fora. E assim os enviavam, com um cartaz ao pescoço, para a secção de tratamento correspondente. Os feridos chegavam às centenas. Era necessário diagnosticar e decidir em questão de minutos, todavia, o tumulto e a confusão eram apenas aparentes. Ninguém era deixado para trás, e todos recebiam o atendimento devido. Aqueles que necessitavam de uma intervenção cirúrgica eram encaminhados para o antigo edifício de Sant Andreu, em Manresa, os que requeriam apenas tratamentos mais superficiais eram dirigidos para outros centros médicos, e outros mais valia deixá-los ali mesmo, porque nada havia já que pudesse ser feito por eles. As voluntárias humedeciam-lhes os lábios, murmuravam-lhes ao ouvido palavras de consolo e embalavam-nos como se fossem seus filhos, sabendo que, nesse instante, noutro qualquer lugar, uma outra mulher procedia do mesmo modo com os seus próprios filhos ou irmãos. Mais tarde, os maqueiros levá-los-iam para a morgue.

O soldadito apresentava um orifício no peito, e o médico, após tê-lo examinado superficialmente, e tendo-o achado já sem pulso, determinou que este se encontrava além de qualquer socorro e que já não necessitava de morfina ou de consolo. Na frente de combate tinham-lhe coberto a ferida com um trapo, sobre o qual tinham colocado um disco de metal para a proteger de qualquer contacto exterior. Sobre este rudimento, haviam-lhe envolvido o tronco com uma bandagem, mas isso ocorrera há alguns dias, algumas horas ou há algumas viagens de comboio... impossível saber.

Dalmau encontrava-se ali apenas para auxiliar os médicos. O seu dever era cumprir ordens, portanto, deveria abandonar o jovem e dirigir a sua atenção para outro ferido, mas pensou que se aquele rapaz sobrevivera ao choque,

à hemorragia e ao transporte precário até chegar àquela estação, era porque teria uma vontade sobre-humana de viver, pelo que seria uma lástima que se rendesse à morte ali mesmo, ao alcance da praia.

Retirou cuidadosamente os trapos e reparou que a ferida se encontrava aberta e tão limpa como se alguém lha tivesse desenhado no peito. Não conseguiu entender como é que o impacto do disparo destroçara as costelas e parte do esterno, sem que lhe tivesse, sem mais, pulverizado o coração.

Ao longo dos quase três anos de prática na Guerra Civil de Espanha, primeiro, na frente de Madrid, depois em Teruel e, por último, no hospital de evacuação, em Manresa, Dalmau acreditava que já vira de tudo e cria estar já imunizado contra o sofrimento alheio, mas jamais observara um coração vivo. Presenciou, fascinado, os derradeiros batimentos, até que estes se foram tornando cada vez mais lentos e espasmódicos, acabando por cessar completamente, e o soldadito terminou por expirar sem uma convulsão sequer. Por um breve instante, Dalmau ficou imóvel, contemplando aquela cavidade rubra onde já nada vibrava. Entre todas as memórias da guerra, aquela seria a mais pertinaz e recorrente: aquele miúdo, de apenas quinze ou dezasseis anos, ainda imberbe, sujo de sangue e de batalha, estendido numa esteira, com o coração exposto ao ar. Nunca conseguiu explicar a razão que o levou a introduzir três dedos da mão direita no terrível ferimento, rodear aquele órgão imóvel e começar a apertá-lo ritmicamente, com a maior calma e naturalidade, durante um tempo impossível de recordar, talvez trinta segundos, talvez uma eternidade, até que sentiu que o coração principiava a reviver-lhe entre os dedos, primeiro com um tremor praticamente impercetível, depois, gradualmente, com mais vigor e regularidade.

– Bem, se eu não tivesse visto isso com os meus próprios olhos, não acreditava! – disse em tom assombrado um

dos médicos que se aproximara sem que Dalmau o tivesse percebido.

De um brado, chamou os maqueiros e ordenou-lhes que levassem o ferido o mais rápido possível, advertindo-os de que se tratava de um caso especial.

– Onde aprendeu a fazer isso? – perguntou a Dalmau, assim que os maqueiros levaram o soldado que, apesar de continuar a aparentar uma palidez extrema, conservava a pulsação estável.

Víctor Dalmau, homem de poucas palavras, informou-o de que estudara medicina durante três anos antes de ser incorporado na frente de combate como auxiliar médico.

– Mas onde raio aprendeu isso? – insistiu o médico.

– Em lado nenhum... mas pensei que não se perdia nada em tentar.

– Vejo que coxeia.

– Fémur esquerdo. Teruel. Estou a recuperar bem.

– Ótimo. A partir de agora vai passar a trabalhar comigo. Tê-lo aqui é um desperdício. Como se chama?

– Víctor Dalmau, camarada!

– Comigo, nada de camaradas. E nem lhe passe pela cabeça tratar-me por tu. Vai tratar-me por senhor doutor. Estamos entendidos?

– Perfeitamente, senhor doutor. A mim, pode tratar-me por senhor Dalmau, mas desde já o aviso de que isto vai cair mal aos outros camaradas.

O médico sorriu entre dentes. A partir do dia seguinte, Víctor Dalmau começou a exercer o ofício que marcaria toda a sua vida.

Soube mais tarde, tal como todo o pessoal, tanto de Sant Andreu como de outros hospitais, que a equipa de cirurgia passara dezasseis horas a ressuscitar um morto e que conseguira trazê-lo vivo da sala de operações. Um milagre, disseram muitos; consequência dos avanços da ciência e da férrea

constituição de burro de carga do jovem, rebateram aqueles que haviam abdicado da crença em Deus e nos santos. Víctor quis visitá-lo, fosse para onde fosse que o houvessem transferido, mas, devido à agitação daqueles tempos, foi-lhe impossível localizar o jovem e dar conta dos encontros e desencontros, dos presentes e dos desaparecidos, dos vivos e dos mortos. Durante algum tempo, parecia ter esquecido aquele coração que sustivera na sua mão, porque se lhe complicou a vida e porque problemas diversos o mantiveram ocupado, mas, anos mais tarde, do outro lado do mundo, começou a vê-lo em pesadelos, e, frequentemente, o rapaz visitava-o, com o seu aspeto pálido e triste, e o coração inerte, depositado numa bandeja. Dalmau não recordava, ou talvez nunca tivesse mesmo sabido o seu nome, pelo que decidiu chamá-lo Lázaro, por razões óbvias. Ao contrário, o soldado nunca esqueceu o nome do seu salvador. Mal foi capaz de se sentar e de beber água sem ajuda, quando lhe contaram a proeza de um tal de Víctor Dalmau, enfermeiro da Estação do Norte, que o restituíra ao mundo dos vivos, todos o bombardearam com perguntas; queriam certificar-se da existência do Céu e do Inferno, ou se seriam estes territórios meros artefactos concebidos pelos clérigos apenas com o intuito de assustar os crentes. Antes de terminada a guerra, o jovem recuperara do ferimento e, dois anos mais tarde, em Marselha, fizera uma tatuagem com o nome de Víctor Dalmau no peito, abaixo da cicatriz.

Uma jovem miliciana, com a boina de lado, numa tentativa de compensar a fealdade do uniforme, aguardava Víctor Dalmau à porta da sala de operações, e, mal este saiu, com uma barba de três dias e a bata manchada de sangue, entregou-lhe um papel com uma mensagem das telefonistas. Dalmau passara muitas horas em pé e doía-lhe a perna, e acabava

de se aperceber, pelos ruídos cavernosos do seu estômago, de que não comia nada desde o amanhecer. Nos últimos tempos, trabalhava como uma mula de carga, mas congratulava-se com o facto de poder aprender com os melhores cirurgiões de Espanha. Noutras circunstâncias, um estudante como ele não teria qualquer hipótese de se aproximar deles sequer, mas, naqueles tempos de caos e de urgência, assolados pela guerra, os títulos académicos e os estudos valiam menos que a experiência, e isso ele tinha de sobra, segundo opinião do diretor do hospital, quando o converteu em seu assistente de cirurgia. Nesse tempo, Dalmau conseguia trabalhar quarenta horas consecutivas, sobrevivendo apenas de tabaco e de café de chicória, sem prestar atenção ao mal-estar causado pela perna. Essa perna livrara-o da frente de combate. Graças a ela, podia fazer a guerra a partir da retaguarda. Ingressara no Exército Republicano em 1936, como praticamente todos os jovens da sua idade, partindo com o seu regimento para as defesas de Madrid, parcialmente ocupada pelos nacionalistas, como passaram a denominar-se as tropas sublevadas contra o Governo. Recolhia e tratava os feridos, pois, graças aos seus estudos de medicina, tinha mais utilidade ali do que a empunhar uma espingarda nas trincheiras. Depois, foi enviado para diversas outras frentes.

Em dezembro de 1937, durante a Batalha de Teruel, sob um frio glacial, Víctor Dalmau deslocava-se numa ambulância heroica, prestando primeiros socorros aos feridos, enquanto o motorista, Aitor Ibarra, um basco imortal que cantarolava incessantemente e se ria com estrépito para fingir a morte, fazia os máximos esforços para conduzir por entre caminhos destruídos. Dalmau acreditava que a boa estrela do basco, que saíra ileso de mil peripécias, bastaria para os dois. Para escapar aos bombardeamentos, era frequente conduzirem de noite, e, quando não se via a luz da lua, ia alguém à frente com uma lanterna a assinalar o percurso – isto em caso de existir algum caminho –, enquanto Víctor socorria os feridos com os

escassos meios de que dispunha à luz de outra lanterna. Desafiavam o terreno semeado de perigos e as temperaturas de muitos graus abaixo de zero, avançando sobre o gelo a passo de caracol, afundando-se na neve, empurrando a ambulância para subir encostas, ou para a retirar de buracos ou de crateras provocadas pelas explosões, sulcando destroços de metal retorcido e cadáveres petrificados de mulas, sob a fuzilaria dos nacionalistas, ou sob as bombas da Legião Condor, que percorriam o cenário de guerra em constantes voos rasantes. Nada disto conseguia distrair Víctor Dalmau, concentrado apenas na tarefa de manter vivos os homens ao seu cuidado, que muitas vezes se esvaíam em sangue a olhos vistos, contagiado, em grande medida, pelo estoicismo demente de Aitor Ibarra, que conduzia sem jamais se alterar, com uma piada sempre na ponta da língua e adequada a cada ocasião.

Da missão na ambulância, Dalmau foi transferido para o hospital de campanha, instalado numas cavernas de Teruel, a fim de o proteger dos bombardeamentos, onde se trabalhava à luz de velas, de candeias de azeite e de lamparinas de querosene. Enfrentavam o frio com o auxílio de braseiros que dispunham debaixo das mesas de cirurgia, ainda que tal precaução não impedisse que os instrumentos médicos, congelados, se lhes colassem continuamente às mãos. Os médicos operavam o mais depressa possível todos os que podiam enviar para os centros hospitalares, sabendo, no entanto, que muitos não resistiriam à viagem. Os outros, a quem não havia ajuda que valesse, limitavam-se a esperar a morte com a ajuda de morfina, quando a havia, mas sempre muito racionada. Também o éter se racionava. Se nada mais houvesse para acalmar os homens que, vítimas de ferimentos atrozes, bramavam de dor, Víctor dava-lhes aspirinas, dizendo-lhes que se tratava de um recente e potentíssimo medicamento americano. As bandagens eram lavadas com gelo e neve derretida para depois serem reutilizadas. A mais ingrata das tarefas era,

no entanto, construir as piras para incinerar os braços e as pernas amputadas. Víctor nunca conseguiu habituar-se ao cheiro da carne queimada.

Foi em Teruel que reencontrou Elisabeth Eidenbenz, que conhecera na Frente de Madrid, onde ela chegara como voluntária de uma associação de apoio a crianças vítimas de cenários de guerra. Era uma enfermeira suíça de vinte e quatro anos, com um rosto de virgem renascentista e a coragem de um guerreiro empedernido. Em Madrid, estivera a um passo de se apaixonar por ela, o que teria acontecido, se a jovem lhe tivesse dado a mínima oportunidade, mas nada nem ninguém a desviava da sua missão: mitigar o sofrimento das crianças naqueles tempos brutais. Durante os meses em que estiveram separados, a suíça perdera a inocência virginal que tinha quando chegara à Espanha. Endurecera-se-lhe a personalidade, lutando contra a burocracia militar e contra a estupidez humana. Reservava toda a sua compaixão e doçura para as mulheres e para as crianças a seu cuidado. Certa ocasião, numa pausa entre dois ataques do inimigo, Víctor encontrou-a perto de um dos camiões de abastecimento de alimentos.

– Olá, companheiro! Lembras-te de mim? – cumprimentou-o Elisabeth, com o seu castelhano enriquecido dos sons guturais provenientes do alemão.

Como não haveria de se lembrar? Ao vê-la, ficou sem palavras. Parecia-lhe ainda mais madura e bela que antes. Sentaram-se num cais de cimento, ele a fumar, ela a beber chá de um cantil.

– E o que é feito do teu amigo Aitor? – inquiriu ela.

– Anda por aí! Sempre debaixo de fogo e sem um arranhão sequer! Não tem medo de nada!

– Dá-lhe um abraço meu!

– O que tencionas fazer quando a guerra terminar? – perguntou-lhe Víctor.

– Ir para outra guerra qualquer. Há sempre uma guerra a acontecer... E tu?

– Se estiveres de acordo... podíamos casar-nos – sugeriu ele, a voz a vacilar de timidez.

Ela sorriu e, por momentos, voltou a ser a donzela renascentista de outros tempos.

– Nem louca! Não tenciono casar-me contigo nem com ninguém. Não tenho tempo para o amor.

– Talvez mudes de ideias... Achas que nos voltaremos a ver?

– De certeza... se escaparmos desta! Conta comigo, Víctor, para tudo o que precisares.

– O mesmo digo eu. Posso dar-te um beijo?

– Não.

Naquelas grutas de Teruel, Víctor aprimorou o sangue-frio e adquiriu um conhecimento médico que universidade alguma poderia dar-lhe. Aprendeu, entre outras coisas, que o ser humano se habitua a tudo: ao sangue, ao muito sangue, ao fedor da gangrena, às operações executadas sem anestesia, à sujidade, ao rio interminável de soldados feridos, e, não poucas vezes, de mulheres e crianças, ao peso de um cansaço secular corroendo a vontade, e, pior ainda, à insidiosa certeza de que tanto sacrifício poderia ser evitado. E foi ali, enquanto recolhia mortos e feridos vítimas de um bombardeamento, que foi atingido por um desmoronamento inesperado, do qual saiu também ferido: a perna esquerda partida. Foi atendido por um médico inglês das Brigadas Internacionais. Qualquer outro teria optado por uma rápida amputação, mas o inglês começara o turno pouco antes e conseguira descansar algumas horas. Deu algumas ordens incisivas à enfermeira e começou a pôr os ossos fraturados no devido lugar.

– Estás com sorte, rapaz! Ontem chegaram os mantimentos da Cruz Vermelha e vamos poder anestesiar-te – disse-lhe a enfermeira, enquanto lhe aproximava do rosto uma máscara impregnada de éter.

Víctor atribuiu aquele acidente ao facto de, na ocasião, Aitor Ibarra não se encontrar junto dele, por isso a sua boa estrela não foi capaz de o proteger. Foi Aitor que, juntamente com outras dezenas de feridos, o conduziu ao comboio que haveria de levá-lo a Valência. Seguiu com a perna imobilizada por duas tábuas amarradas em jeito de tala improvisada, já que não dispunham de meios para o imunizarem das restantes feridas. Ia envolto numa manta, tiritando de febre e de frio, torturado por cada estremecimento do comboio, mas grato, pois, ainda assim, encontrava-se em melhores condições que a maioria dos homens que com ele partilhavam o chão do vagão. Aitor dera-lhe os seus últimos cigarros, bem como uma única dose de morfina, advertindo-o de que só deveria recorrer a ela num caso de extrema necessidade, pois, tão cedo, não receberia mais nenhuma.

No hospital de Valência felicitaram-no pelo bom trabalho do médico inglês. Disseram-lhe que, se não adviessem complicações de maior, a perna ficaria como nova, ainda que ligeiramente mais curta do que a outra. Mal as feridas começaram a cicatrizar, e logo que conseguiu ficar de pé apoiado numa muleta, enviaram-no, engessado, para Barcelona. Deixou-se ficar em casa dos pais, a jogar intermináveis partidas de xadrez com o seu velhote, até ficar em condições de se mexer sem ajuda. Voltou, então, a trabalhar, desta vez num hospital da cidade, onde atendia a população civil. Era como estar de férias, pois, comparado com o que vira e vivera na Frente, aquilo mais parecia um paraíso de higiene e de eficiência. Ali permaneceu até à primavera seguinte, quando o enviaram para Sant Andreu, em Manresa. Despediu-se dos pais e de Roser Bruguera, uma estudante de música que estes

havam acolhido, e de quem começara a gostar como de uma irmã, sentimento que se fortalecera durante as semanas que ali passara em convalescença. Essa jovem, simples e gentil, que passava longas horas devotada ao estudo do piano, era a companhia ideal de que Marcel Lluís e Carme Dalmau necessitavam desde que os filhos tinham partido.

Víctor Dalmau desdobrou o papel que a miliciana lhe entregara e leu a mensagem que a mãe lhe enviara. Ainda que o hospital distasse apenas sessenta quilómetros de Barcelona, não a via há sete semanas, porque não tivera um único dia livre que lhe permitisse apanhar um autocarro até casa. Uma vez por semana, geralmente ao domingo, sempre à mesma hora, ela telefonava-lhe e, também nesse dia, enviava-lhe um presente: um chocolate dos membros das Brigadas Internacionais, um salpicão, uma barra de sabão adquirida no mercado negro e, por vezes, cigarros, que, na sua opinião, constituíam o maior dos tesouros, uma vez que não conseguia viver sem nicotina. Víctor perguntava-se como a mãe os conseguia obter. O tabaco era um bem de tal maneira raro e apreciado que o inimigo costumava lançá-lo dos aviões, juntamente com baguetes de pão, para assim fazer mofa da fome e da situação de necessidade que os republicanos enfrentavam, e simultaneamente alardear do clima de abundância que se vivia do lado das tropas nacionalistas.

Portanto, uma mensagem da mãe a uma quinta-feira só poderia significar uma emergência. Dizia: «Liga-me para a Central Telefónica». Calculou que a mãe estaria à espera há mais ou menos duas horas, tempo que demorara na sala de operações, antes de receber o recado. Desceu aos gabinetes da cave e pediu a uma das telefonistas que fizesse uma chamada para a Central Telefónica de Barcelona.

Carme pôs-se em linha e, com uma voz entrecortada por ataques de tosse, disse ao mais velho dos filhos que fosse a casa o mais rapidamente possível, pois o pai estava a morrer.

– Mas... o que lhe aconteceu?! – exclamou Víctor. – Da última vez que o vi pareceu-me estar bem!

– É o coração. Não aguenta mais. Avisa também o teu irmão para vir despedir-se, porque pode deixar-nos a qualquer momento.

Demorou cerca de 30 horas a localizar Guillem na Frente de Madrid, e, quando finalmente conseguiram entrar em contacto por meio de rádio, entre uma algazarra de estática e de uma chiadeira descomunal, o irmão explicou-lhe que de momento lhe seria impossível obter permissão para se deslocar a Barcelona. A sua voz soava tão distante e exausta que a Víctor foi difícil reconhecê-lo.

– Qualquer um capaz de empunhar uma arma é imprescindível, Víctor! Sabes bem! Os fascistas estão em número superior e têm melhor armamento... mas não passarão – disse Guillem, repetindo o lema popularizado por Dolores Ibárruri, justamente chamada La Pasionaria, devido à sua infatigável capacidade de inculcar fanático entusiasmo junto dos republicanos.

As tropas rebeldes haviam ocupado a maior parte do território de Espanha, contudo, ainda não tinham conseguido tomar Madrid, cuja acirrada defesa, rua a rua, casa a casa, se convertera no símbolo da guerra. Contavam com as tropas coloniais de Marrocos, os temidos mouros, bem como com a bestial ajuda de Mussolini e de Hitler, mas a resistência dos republicanos fora, até então, capaz de bloquear a invasão à capital. No início da guerra, Guillem combatera em Madrid, integrado na Coluna Durruti. Nessa altura, os exércitos dos dois lados enfrentavam-se na zona universitária da cidade, tão próximos um do outro que, em alguns lugares, apenas os separava a largura de uma rua. Conseguiam ver-se

os rostos inimigos e insultarem-se mutuamente sem terem de elevar demasiado a voz. Segundo Guillem, entrincheirado num dos edifícios, o impacto dos obuses perfurava as paredes das faculdades de Letras, de Filosofia, de Medicina e da Casa de Velásquez. Não havia forma de se defenderem eficazmente dos projéteis, mas, dizia, estimava-se que três volumes de filosofia sobrepostos seriam capazes de deter as balas. Estivera presente aquando da morte do lendário anarquista Buenaventura Durruti, que, antes de apresentar batalha em Madrid com parte da sua Coluna, propagara e consolidara a revolução por terras de Aragão. Morreu atingido por um disparo à queima-roupa em pleno peito, em circunstâncias pouco claras. O que restava da Coluna foi dizimado. Pereceram mais de mil milicianos e, entre os poucos sobreviventes, Guillem foi um dos que saíram ileso. Dois anos volvidos, após ter lutado em diversas outras frentes, tinham voltado a enviá-lo para Madrid.

– O pai compreenderá se não puderes vir, Guillem. Estamos à tua espera. Vem mal possas. Ainda que não o vejas com vida, a tua presença será um grande consolo para a mãe.

– Imagino que Roser esteja com eles.

– Sim, está.

– Dá-lhe um abraço meu. Diz-lhe que as suas cartas me acompanham sempre e que me desculpe por não lhe responder regularmente.

– Ficaremos à tua espera, Guillem. Tem cuidado contigo.

Despediram-se com um breve adeus, e Víctor, com o estômago do tamanho de uma ervilha, rogava para que o pai vivesse mais algum tempo, para que o irmão regressasse inteiro, para que a guerra terminasse de uma vez e para que se salvasse a República.